



Os revolucionarios srs. João Borges e José do Valle fabricando bombas explosivas

N.º 255 Lisboa, 9 de Janeiro de 1911

ASSIGNATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
PORTUGUEZAS E HESPAÑHA:

Anno, 4\$80—Semestre, 2\$40—Trimestre, 1\$20.

Ilustração
PORTUGUEZA

Director: CARLOS MALHEIRO DIAS
Director artistico: FRANCISCO TEIXEIRA
Propriedade de: J. J. DA SILVA GRAGA
Editor: JOSÉ JOUBERT CHAVES

Redacção, Administração e Officinas de Composição e Impressão: RUA DO SECTO, 43

Eu curo a QUEBRADURA

Sem ulterior uso de funda

Quem for quebrado, ou souber d'alguem que o seja, deve interessar-se pelo meu methodo de cura. O meu plano differo de todos os outros, por isso que não só contém toda a especie de quebraduras de uma fórma continua e segura e com perfeita commodidade, mas faz formar-se um novo tecido na abertura da quebradura, unido a ruptura e produzindo uma cura absolutamente perfeita e permanente. Nenhum outro methodo dá este resultado.



Tenho provado varias vezes que posso curar a quebradura, ainda mesmo depois de duas operações não terem dado resultado. Os meus doentes curados tem soffrido experiencias e reconhecimentos medicos dos mais minutuosos, tendo sido averiguada e certificada a cura. Nenhum quebrado é muito novo ou muito velho, para se sujeitar ao meu methodo. Nenhuma quebradura é tão má que se não possa curar.

Entre os milhares de pessoas que se tem curado, contam-se o sr. Polycairio Garcia Monjes, Arenal, 21, solteiro, Madrid; dupla quebradura; sr. D. Iñn Garcia, S. Pedro de la Traversera, Barcelona, de quebradura escrotal irredutivel de 19 annos de duração; e o sr. Bernabé Felto, Calle Baja, Gaspe, provincia de Zaragoza, que foi curado com a idade de 29 annos e que diz: "Estou completamente curado e já não uso funda. Don-lhe os meus agradecimentos pelo grande cuidado que tem p-los seus doentes."

Escrevam-me, sem perda de tempo, pedindo-me completas informações acerca do meu methodo e enviarei uma amostra gratuita do meu tratamento, franca de porte. Escrevam-me em seguida, antes que a sua quebradura chegue a estar estrangulada e que uma operação seja o unico meio—e não certo—de salvar a vida.

Dr. Wm. S. RICE (S. 393) 89 STONECUTTER STREET, LONDRES, E. C., INGLATERRA

OS PHAROES B. R. C. ALPHA

São os melhores e hos do chaffeur



Agentes em Portugal: BLANC FRERES CALLE ALCALÁ MADRID

Companhia do Papel do Prado

Sociedade anónima de responsabilidade limitada

riaña e Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Lousã), Valle Maior (Albergaria-a-Velha). Instaladas para uma produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos machinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa promptamente encomendas para fabricações especies de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de fórma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e emprezas nacionaes. *Escriptorios e depositos:*

LISBOA — 270, Rua da Princesa, 276 PORTO — 49, Rua de Passos Manuel, 51

Enaereço telegraphico em Lisboa e Porto: Companhia Prado Numero telephonic: Lisboa, 605 — Porto, 117

CAPITAL	
Accões.....	360.000\$000
Obrigações.....	323.910\$000
Fundos de reserva	
ae amortisação...	266.400\$000
Reis ..	950.310\$000

Séde em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Maria da Louza, Valle Maior

Automoveis

Vendem-se ou alugam-se, uma Limosine, uma Landalette e um doublephaeton em magnifico estado e de grande luxo. Trata-se na Casa Simplex, Bicyclettes, Discos e machinas fallantes de J. Castello Branco.

O que ha de melhor em bicyclettes inglesas desde 23000 rs. com todos os pertences. Accessorios baratissimos. Discos com assumptos politicos e ultima novidade. Machinas fallantes das mais modernas desde 65000 réis.

Rua do Socorro, 23-B. Rua de Santo Antão, 34. Telephone 2975.

COMPREM AS Sedas Suissas

Peçam as amostras das nossas Novidades em preto, branco ou cor: Crepon, Duchesse, Cachemiro, Messaline, Côtelle, Eollenne, Shantung, Mousseline, largura 130 cm. desde 12. Leç o metro, para vestidos, bluses, etc., assim como as bluses e vestidos bordados em batiste, la, toile e seda.

Vendemos as nossas sedas garantidas solidas **directamente aos particulares e francas de porte a domicilio.**

Schweizer & C.^o
Lucerne E II (Suissa)

Exportação de sedas Fornecedores da Corte Real

XAROPE FAMEL

CURA INFALLIVELMENTE BRONCHITES MESMO CHRONICAS

TOSSES ASTHMA

PREÇO 800 REIS F^{co}

EM TODAS AS PHARMACIAS ou no DEPOSITO GERAL: 15, RUA dos SAPATEIROS — LISBOA FRANCO DE PORTE COMPRADO DOIS FRASCOS.

Coke inglez

PARA COZINHA

O mais economico

R. CONCEIÇÃO, 125. 2.^o

TELEPHONE 1738

A BOMBA A SERVIÇO DA REVOLUÇÃO

Dias depois da proclamação da República, tivemos ensejo de falar a um jornalista francez que actualmente collabora n'um diario radical — extremamente radical — do seu paiz. Es e confrade queria, antes de mais nada, saber se realmente no movimento revolucionario de 4 e 5 de Outubro, o elemento popular representara um papel importante. Tinham-lhe fornecido essa informação e elle, julgando-



do-a preciosa para a *reportage*, desejava vê-la com rmdada em absoluto. Respondemos-lhe afirmativamente, acrescentando que muitos dos revoltosos da classe civil haviam utilizado a bomba explosiva como arma de combate, destinada especialmente a destruir a cavallaria inimiga.

— E em Lisboa fabricam-se bombas? perguntou logo o jornalista faiscante de interesse.

- Fabricam-se...
- Em larga escala?
- A's centenas...

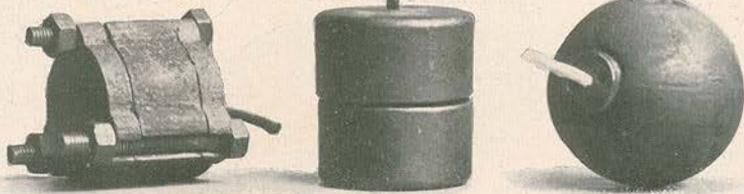
O confrade pulou na cadeira em que se refestelára e murmurou commovido:

— Mas isso e uma industria...

Socegamo-lo, explicando-lhe que o fabrico das bombas entre nós não revestia um caracter mercenario. E tanto assim que quasi todos os fabricantes de apparatus destruidores, longe de ingressarem definitivamente n'esse profissionalismo perigoso auferindo recompensas monetarias pelo seu

trabalho e pelos sérios riscos que n'elle corriam, quando muito aceitavam apenas o auxilio de outrem para a aquisição do material indispensavel á manipulação. O fabrico de bombas entre nós não occupa indifferentes, mas sim partidarios d'uma idéa que a mesma idéa pretendiam d'esse modo servir. Não se dava o caso pittoresco d'um monarchico confeccionar uma bomba para ser lançada por um republicano. Os que as faziam, ou as atravam elles proprios no momento opportuno, ou confiavam o seu lançamento a correligionarios, a adeptos dos mesmos principios, a camaradas das mesmas fileiras militantes.

O jornalista, effectivamente, mostrou-se mais aquietado com esta elucidação, mas, insistindo no assumpto, formulou nova pergunta:



1—O revolucionario José Nunes fabricando as bombas
2—Material para o fabrico das bombas 3—Algumas das primeiras bombas fabricadas em Lisboa

—E a policia nunca deu por tal fabrico?
 Hesitámos. Para falar a verdade, a resposta não era facil. Entretanto, dissémos qualquer cousa que disfarçasse o nosso embaraço e ficámos a pensar n'um episodio curioso presenciado antes de 4 e 5 de outubro, episodio que testemunha como o emprego de explosivos, entre nós, abandonára de ha muito os domi-



2—O Dr. João Gonçalves Lopes na Morgue, uma hora depois da explosão da rua do Carrião, no dia 17 de Novembro de 1907
 1 e 3—Os receptáculos para o dynamite

nios do mysterio e o seu conhecimento entrára ás claras na vida commum. Antes da revolução que conduziu á proclamação da Republica, falava-se de bombas em publico como de objectos de primeira necessidade. E é vér:

Uma noite, á mesa de determinado café de Lisboa que a tradição popular apontava, e ainda hoje aponta, como *rendez-vous* de exaltados, um anarchista conhecido propöz-se zombar da espionagem do Juizo de Instrução Criminal. Sacceu do bolso do casaco um rolo de cör escura, mostrou-o aos circumstantes com o ar mais natural d'este mundo e disse em voz alta de modo a ser ouvido por um policia que abancava proximo:

—Sabem o que isto é?...
 É massa para um joguinho de solo.



Um dos assistentes duvidou e elle então exclamou a sorrir:

—Ah! sim, pois vou dizer a verdade... Isto é dinamite!...

Os circumstantes entreolharam-se receosos, o policia redobrou de attenção e durante a'guns segundos fez-se o silencio das grandes occasiões. O anarchista voltou á carga:

—Querem experimentar?

O panico augmentou. Os assistentes, como* movidos por uma unica mola, recuaram os bancos d'um metro.. O policia procurou abrigo n'outra meza. O silencio e a anciedade eram de esmagar o mais animoso. Percebia-se c'aramente que toda a cliente'la do café queria pôr-se a salvo, mas que toda ella tambem não queria passar por medrosa. O policia, esse, pingava suor por todos os poros.

O anarchista, sempre risonho e zombeteiro, pegou afoitamente no rolo de côr escura, rasgou-o com a unha e destacando uma particula insignificante col'ocou-a na pedra da meza. Depois, accendeu um phosphoro e approximou a chamma d'essa minuscu'la substancia ameaçadora. Houve uma ligeira crepitação, a chamma lambeu por completo o ingrediente e em seu logar ficou apenas um pó amarelado que o anarchista sacudiu com um guardanapo. Nada mais... nem ruido, nem fumo, nem cheiro que se percebesse sequer ao de leve...

A assistencia readquiriu a tranquillidade, o policia permittiu-se um sorriso de troça pelo medo que antes sentira e toda a gente se convenceu de que o anarchista mystificára o publico do café, imping'ndo-lhe qualquer cousa inoffensiva por um dos mais terribes explosivos da actualidade. Toda a gente, sem exceptuar o policia... E, no emtanto, o rolo de côr escura era mais do que sufficiente, quando applicado em circumstancias especiaes, para fazer voar, feito em migalhas, um quarteirão da rua do Ouro!...

O fabrico de bombas em Lisboa—destinadas



O «Café Bom», da rua da Betesga, onde se reuniram os primeiros anarchistas



Aquilino Ribeiro, o sobrevivente da explosão — da rua do Garrão e o celebre evadido da-esquadra do Caminho Novo (Cliche Vasques)

principalmente a colaborar n'um movimento revolucionario—data de ha uns dez ou doze annos. Nos primeiros tempos constituiu, por assim dizer, absorção de creaturas quasi isoladas que, revelando o segredo a um amigo intimo, ensaiavam cautelosamente a execução de formulas divulgadas por anarchistas estrangeiros. Depois, passou a ser occupação de grupos regularmente organisados que preparavam assim uma arma de combate contra a monarchia.



A grade de ferro da casa do pátio do Salema, de onde foi tirada a pinha utilizada para a primeira bomba que explodiu em Lisboa

mentos avançados, radicalíssimos. Liquidez-se com esse *accidente de trabalho*, de que foram victimas o professor Betencourt (que se encontrava casua'mente no local do sinistro) e o operario Rebordão e porque a maioria dos aggre-miados — entre os quaes já se contava João Borges — caiu immediatamente sob a alçada policial Na historia dos episódios que antecede-

Na *infancia da arte*, a policia preventiva, sob a direcção do juiz Veiga, tinha uma lista de fabricantes, que lhe facilitava o trabalho das capturas, quando, porventura, se produzia qualquer incidente de caracter agitador. A explosão da Estrella — em que se feriram bastante alguns d'esses confeccionadores de engenhos destruidores — foi o primeiro signal de rebate que a policia teve d'uma larga preparação de bombas com destino ao movimento de 28 de janeiro. N'essa altura ainda a lista a que nos referimos deu ao juiz Veiga elementos para desfiar um pouco a meada do *complot*. Os individuos presos n'essa occasião pertenciam na quasi totalidade á loja irregular Obreiros do Futuro, uma carbonaria lisboeta fundada em 1897 por Heliodoro Salgado, Benjamin José Rebello, Julio Dias, Sebastião Eugenio, José do Valle e varios democratras de Alcantara

Essa loja esteve durante a gum tempo installada na Rocha do Conde d'Obidos, n'uma casa pertencente ao Credito Predial, alugada a um dos carbonarios — a José do Valle se não estamos em erro — pelo sr José Bello, ao tempo administrador das propriedades d'aquella companhia. Congregava ahi pela epoca da dictadura João Franco tudo o que Lisboa então possuía de ele-

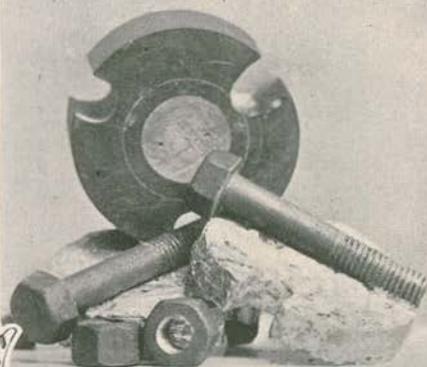


A casa da rua Formosa, n.º 76 onde estava installado o consulado hespanhol e onde explodiu a primeira bomba — (Cliche de Benoit)



Varios tipos de bombas fabricadas pelos revolucionarios

ram a proclamação da Republica a loja Obreiros do Futuro desempenhou um papel importante. Basta dizer que, ao effectuar-se a sua dis-



persão pelo motivo acima registado o material em deposito na séde e subtrahido á pressa das vistas da policia chegava para anniquillar uma brigada de caval'aria.

A explosão da Estrella succedeu, com pequeno intervallo, a da rua do Carrião. Foi na tarde d'um domingo sombrio que esse facto alarmou a cidade. As campainhas dos telephones vibraram intensamente, communicando ás redacções dos jornaes a noticia do acontecimento. Emquanto, a poucos passos, uma banda regimental deliciava centenas de pessoas descuidosas, tres revolucio-

narios, encafuados n'um modesto quarto de estudante, preparavam tranquillamente o terminio da guarda munic'pal. De repente um estrondo formidavel sobresa'tou a visinhança

Viu-se sair da janella d'esse compartimento acanhado e inexpressivo uma lingua de fogo e d'ahi a momentos uns transeuntes mais corajosos, um bombeiro voluntario e um agente da ordem defrontavam o espectáculo commovedor de dois cadaveres mutilados em meio d'um armazem de bombas...

O juiz Veiga, mal lhe contaram o succedido, percebeu sem de-



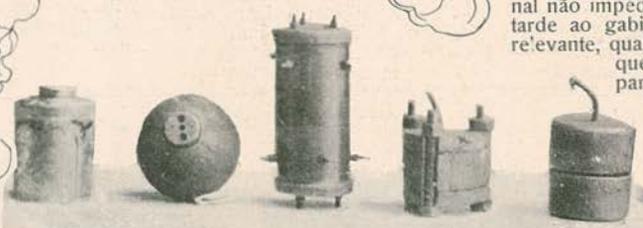
1—Antes e depois da explosão: Bomba cylindrica de ferro fundido carregada com dynamite e fulminato. 2—Grupo de revolucionarios de 4 de Outubro, a quem foram distribuidas bombas explosivas

mora que já não estava em frente da tal lista de revolucionarios seus conhecidos. Os nomes das victimas da explosão não figuravam no seu elenco de anarchistas; o d'um preso— Aquilino Ribeiro — que a judiciaria fizera conduzir á esquadra proxima e que evitára, n'um gesto de *gavroche* o ser photographado pela machina do *reporter* da *Illustração Portuguesa*, tambem lhe não soava familiarmente ao ouvido. O *complot* tinha, evidentemente, uma extensão vastissima, pois que até um medico — Gonçalves Lopes — e um commerciante se empregado, Aquilino Ribeiro, longe de ser, como muitos erradamente o descreveram, uma creatura cheia de odios, lidando com bombas



1—O revolucionario João Borges
(Cliché Va ques)
2—O kiosque dos libertarios no Rio de Janeiro
(Cliché de Benoitel)

de revoltados já se não fazia com os elementos de investigação de que ao momento dispunha. Demittiu-se. O seu afastamento propositado do Juizo de Instrução Criminal não impediu, porém, que prestasse mais tarde ao gabinete João Franco um serviço re'levante, qual o de prevenir a tempo do que os republicanos projectavam para a tarde de 28 de janeiro. Inter-teirara-o de tudo um seu antigo prisioneiro, cuja

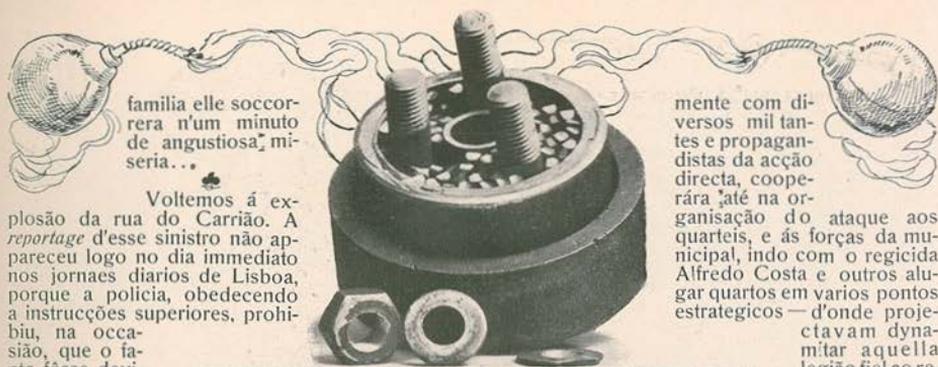


I—Bomba de percussão fabricada pelo revolucionario João Borges II—Modelo n.º 4 de bomba fabricada pelo revolucionario Jose Nunes e carregada com 60 grammas de dynamite III—Bomba de percussão fabricada por João Borges IV—Bomba triangular de ferro fundido. Modelo vulgar V—Bomba cylindrica carregada com 250 grammas de taxa e 70 grammas de dynamite

por simples espirito de vingança sanguinaria, era um intellectua!, um moço exuberante de vida, intelligente, com impulsos sacudidos de energia é certo, mas egualmente com rasgos generosos, que o tornavam uma creatura carinhosa e de rara affabilidade.

O juiz Veiga percebeu que o dominio d'essa grande massa

Handwritten signatures and notes:
 Tribuna
 José Nunes
 José Nunes
 admissão de José Nunes
 Nunes de Moraes



familia elle soccor-
rera n'um minuto
de angustiosa mi-
seria...

mente com di-
versos mil tan-
tes e propagan-
distas da accção
directa, coope-
rara até na or-
ganisação do ataque aos
quarteis, e ás forças da mu-
nicipal, indo com o regicida
Alfredo Costa e outros alu-
gar quartos em varios pontos
estrategicos — d'onde proje-
ctavam dynamitar aquella
legião fiel ao re-
gimen monarchico — mas, re-
petimos, nunca
se occupára da
manipulação
dos explosivos,
talvez por
suppór que essa
manipulação
exigia um es-
tudo aprofun-
dado da chi-
mica.

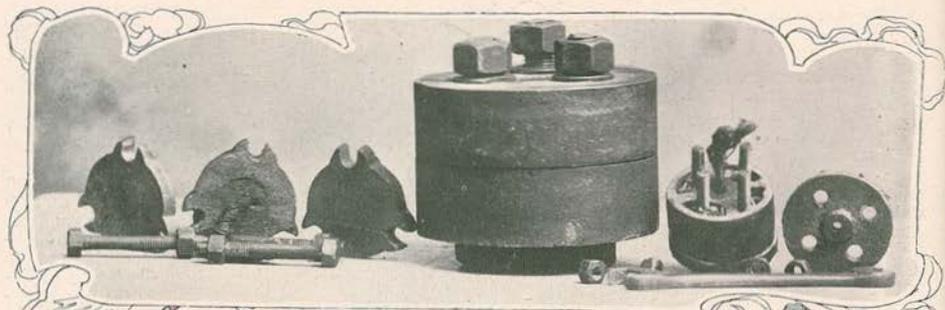
Voltemos á ex-
plosão da rua do Carrião. A
reportage d'esse sinistro não ap-
pareceu logo no dia immediato
nos jornaes diarios de Lisboa,
porque a policia, obedecendo
a instrucções superiores, prohi-
biu, na occasião, que o fac-
to fosse devimen-
te pormenorizado. Com-
tudo, para a his-
toria da revolu-
ção portugueza
não ficar incom-
pleta, é neces-
sario reproduzir
agora as peripecias
que revestiram o
sinistro e que
são, sem duvi-
da alguma, das
mais interes-
santes que co-
nhecemos.

Aquilino Ri-
beiro, embora
as suas convic-
ções o tivessem
desde muito en-
fileirado n'um
grupo libertario,
nunca fizera
bombas. Sabia
que, merecê-
da preparação
do movimento
revolucionario
de 28 de janeiro
ro esse fabrico se
estendera a di-
versos pontos
da capital e
mesmo para
fora d'ella; da-
vase intima-

Um bello dia,
o dr. Gonçal-
ves Lopes pe-
diu-lhe licença
para levar ao
quarto que elle
habitava na rua
do Carrião dois
coixotes com
bombas, ou me-
lhor com envol-
ucros de bom-
bas. Aquilino
Ribeiro hesi-
tou, observan-
do que a dona
da casa podia
attentar no fac-
to, mas o dr.
Gonçalves Lo-
pes desvanec-
ceu-lhe todos
os receios, ex-
plicando-lhe
que necessita-



1—Bomba de 12
kilos, d'aço
e ferro, de dyna-
mite e fulmi-
nato de mercurio
e destinada
por um dos grupos
revolucionarios
á destruição
do Quelhas
2—João Borges
e Jose do Valle
fabricando
bombas explosivas
3 e 4—Os envol-
ucros d'uma bomba



- I—Tres peças de um petardo triangular de ferro fundido carregado de dynamite e fulminante de mercúrio
 II—A grande bomba de 12 kilos fabricada por José Nunes
 III—Bomba cylindrica de ferro e bronze carregada de metralha, dynamite e fulminante de mercúrio

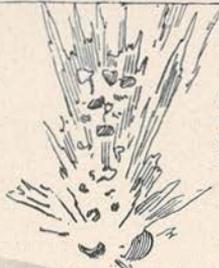
va absolutamente desviar da sua pessoa os cuidados d'uma provavel espionagem. Combinaram o transporte dos caixotes do consultorio do medico (na rua do Ouro) para ali, mas por um equivoco da ultima hora, o moço incumbido de os levar ao quarto de Aquilino Ribeiro, teve de arripar caminho e voltou com os caixotes para o consultorio. Grande [pasmol] do dr. Gonçalves Lopes e no dia seguinte, após uma breve troca de palavras que elle e Aquilino tiveram no Suisso, os caixotes (cada um pesando approximadamente sessenta kilos) tornaram a emprender a viagem para a rua do Carrião.

Desde esse momento, Aquilino Ribeiro passou tambem a colaborar regularmente no fabrico das bombas. Vendo o dr. Gonçalves Lopes e o commer-



2—O fabrico das bombas pelos revolucionarios José do Valle e João Borges

3—Typo de bomba fabricado pelo revolucionario João Borges



recomeçariam a operação, os dois revolucionarios dispozeram-se a carregar mais tres aparelhos para dar por finda a tarefa da tarde.

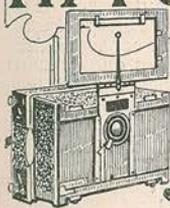
(Continúa)

JORGE DE ABREU..

A grande maioria dos interessantissimos clichés que acompanham este artigo e devidos á obsequiosa cedencia do sr. José Nunes, destinando-se a illustrar um folheto cuja venda reverterá em beneficio do Vinte Proventivo, Asylo S. João e Centro João Gregas.

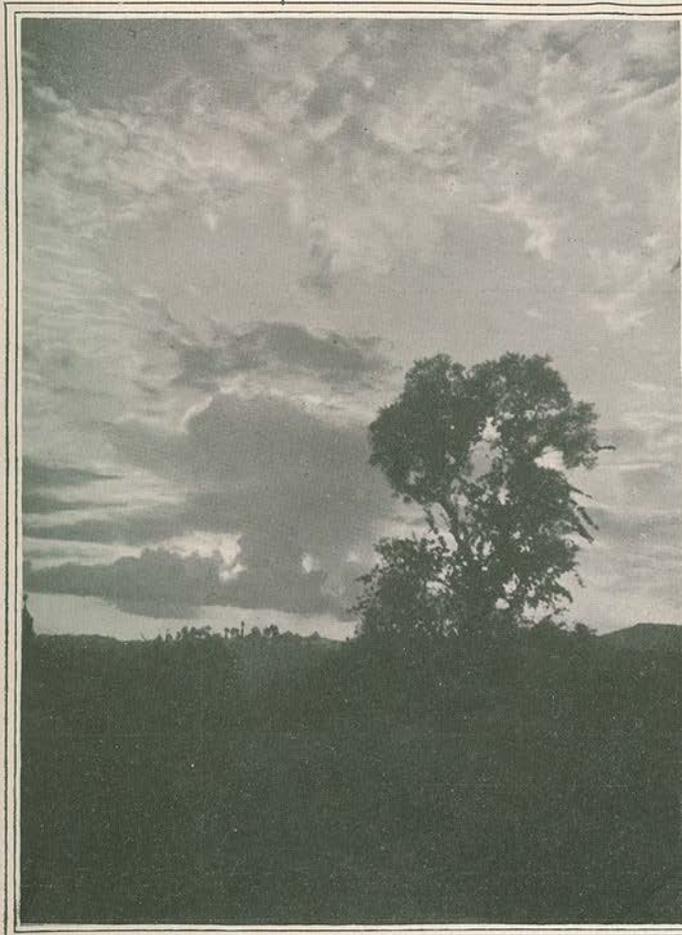
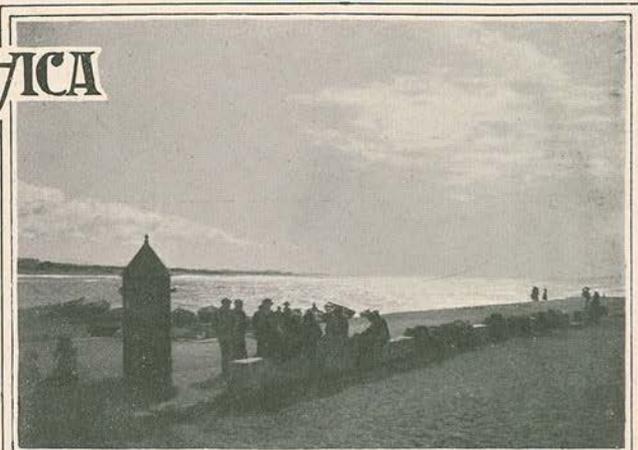


ARTE PHOTOGRAPHICA



PÔRES DE SOL

Tenho a honra de lhes apresentar um rapaz que ha dois dias pegou n'um *kodak*—objecto pequeno e barato—e que tendo reparado um pouco na côr do



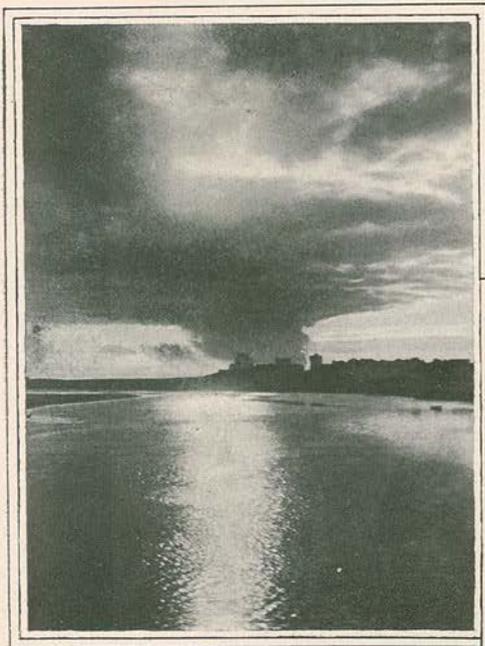
ceu e na côr da terra, (a modo de quem os interroga), decidiu-se a um fim de tarde por uma estrada fóra; voltou na tarde seguinte; desviou depois do campo para a beiramar—e eis que agora me endereça, como as melhores e mais flagrantes noticias da minha e sua localidade, essas reproduções melancholicas dos arredores nataes, obra deliciosa d'um contemplativo, d'uma grande alma; a qual excede, sob todos os pontos de vista, o trabalho diario dos profissionaes do genero na provincia portugueza.

Com a machina engatilhada no^o dedo, quantas vezes lhe perguntei, por esse alegre verão que passou, para onde era a marcha, o que iriatentar—para que monte, para que prado, para que linha d'estrada caminhava com o seu instrumento de vinte mil réis, portatil e preto. Na sua bocca, como na de todos os curiosos inteligentes, havia o sello regrado de silencio, da discrição. E ao dia seguinte, interrogado, chamado a uma meza de café, respondia simplesmente:

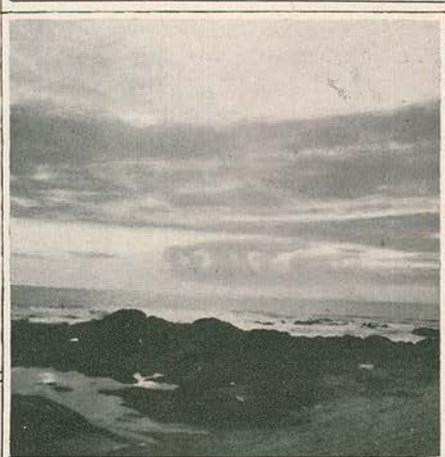
— «*Uns eucaliptos n' Athougua. Effeitos do*

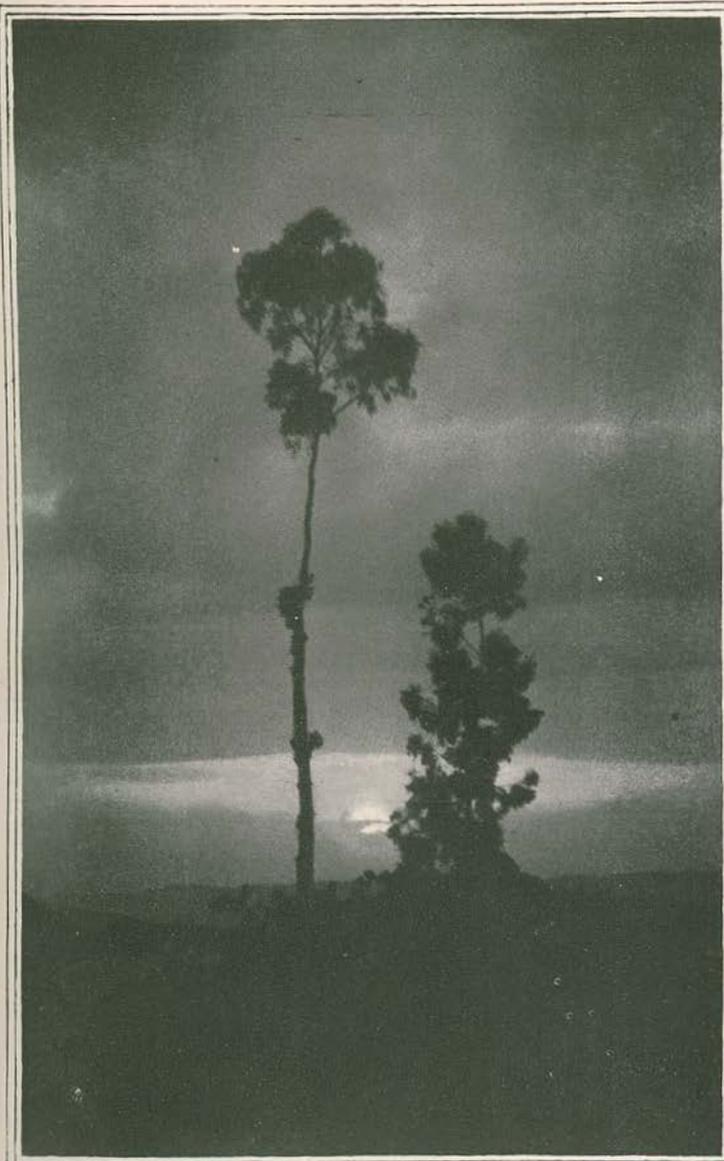
luar. *Umas nuvens doiradas...* Phrases curtas, de segredo, de meio *loup*, em face de mulher bonita. Depois vinha a revelação, é c'aro vinha o encanto!

E' assim, sem a aranha d'um tripé cangalheiro e sem o monstro envernizado de uma camara pesada e custosa, que Gaspar Ferreira obtém, estudando, a graça dos seus *clichés* de artista—por esses mezes em que as nuvens esvoaçam mais e mais semelham, na restea morna do sol-posto, uma obra admiravel de vidraria magica, a transmudar-se de continuo e prestes a submergir, polychroma e



1—Em villa do Cond c. 2—Depois do sol...
3—Crepusculo d'outubro





Lua Nova

ardente, para lá da crosta negra das cordilheiras agrestes!... Um aparelho leve e uma alma livre, prova elle que tanto basta para se ser artista e original, sem necessidades d'ensino; e, mais, para transformar, com um pouco de emoção, o velho *fabrico* banal da photographia provinciana, até hoje tão repetido e entadonho como essa outra monstruosidade, do genero musical, que se chama o phonographo. Sobre tudo, como lição, essas pho-

tographias de um provinciano possuem um valor extraordinario. Pois quem melhor do que o photographo da provincia poderia trazer a *paisagem*, os *costumes*, a *graça rustica*, se e^{lla} (por assim dizer) roda todos os momentos em volta da sua alma e do seu aparelho? Como lição, repito, esse trabalho delicado do amator que tenho a honra de apresentar a vossas mercês, é, sob todos os pontos de vista, admiravel. Depois, louvores á sua alma de innovador; louvor ao oiro dos momentos que fixou d'um modo adoravel; e louvor, tambem, á scenographia admiravel dos arredores minhotos, na terra e no mar, dos quaes tantas saudades me provocaram os *clichés* sentimentaes d'este novo poeta da photographia independente.

Mas que lhe terão dito os seus conterraneos, aquelles que em geral parecem rusticos em frente de uma obra d'espírito. Dão-lhe, talvez, o conselho de que tome sempre o sol nas costas, para que se vejam bem todas as folhas do seu arvoredo, que nos *clichés* de Gaspar Ferreira lhes parece pennujento e redondo. Dizem-

lhe, por certo, que o Minho, d'esse modo, não é bonito. Finalmente, que ninguem dirá, ao vêr taes arvores, se se trata d'um choupo, se d'uma camelleira ou d'uma garfada ruiva de vinha. E' por isso que eu peço d'aqui, aos profissionais inteligentes da cidade, que chamem ao seu *atelier* este rapaz talentoso e pobre, com raras faculdades de trabalho, e um dos poucos que, n'este paiz, vale o que vale á custa do seu esforço e da sua intelligencia.

A' borda do mar do norte, os assumptos picturaes attingem, em quantidade, a inverosi-



milhança d'um aluvião de vozes que chamam, gritam, querem ser as primeiras. Os lanchões, as mulheres embiocadas na saia de saragoça, o desfile claro das velas, os pescadores aposentados fazendo pala com a mão para

vêrem os netos *vascos da gama*, a farrapada dos mendigos, os pharoes nocturnos dos *signaes*, o area'— tudo isso são assumptos, e dos mais interessantes. Porém, o meu amigo viu a Noite.. a Noite que torna o mar infinito!...



1—O castello de Dona Muma 2—Crepusculo de fevereiro

A DANÇARINA DAS SERPENTES

A dança sempre tem encantado os povos. Desde os lindos passos de Herodiade, que custaram a cabeça a um santo, até ás poses esculpturales de Duncan, ella tem operado maravilhas.

Entre as mulheres de theatro, é a bailarina a mais requestada, a mais querida, aquella que tem entrado com maior facilidade no Gotha, pe'o casamento. Ainda ha pouco, umas gentis dançarinas americanas, que fizeram successo em Inglaterra, deixaram os palcos pelos salões da aristocracia, tornando-se marquezas, condessas e até duquezas. Foi o cumulo do successo a entrada d'essas gentis dançarinas no grande mundo; durante algum tempo, os jornaes occuparam-se do caso sensacional, até que os seus nomes de theatro esqueceram, para apenas se



recordarem os titulos heradicos que usam. Actualmente, ha, porém, uma dançarina que está causando successo identico ao das americanas em Londres. É a Madiah Sarith, que nos seus maravilhosos passos, enrola no seu busto divino, em torno da sua garganta magnifica, no seu corpo impecavel de belleza, serpentes vivas, que parecem animar-se no calor da sua carne perfumada. A bailarina, depois d'uma ruidosa apresentação em Berlim, exhibese no circo Bush, de Vienna, onde os membros da sociedade elegante a festejam com equal entusiasmo ao que se mostrou em Londres para com as gentis bailarinas que se tornaram esposas de lords e para as quaes os salões se abriram no mesmo rumor d'applauso, usado quando ellas appareciam nos grandes palcos.

COMO SE FAZ UM VESTIDO



1—Madame Declercq, a modista franceza do «Paris em Lisboa»

Como se faz um vestido? Uma pergunta a que se poderia responder laconicamente: com uma *franceza*. Porque as grandes casas de modas, em Portugal como em toda a parte, a primeira verba que inscrevem no seu orçamento é o honorario, modesto ou opulento, conforme a clientella é parcimoniosa ou perdularia, da modista parisiense que tem de crear, compôr, cortar e ajustar a *toilette* feminina de baile, de *gardenparty*,



2—A escolha do figurino
3—O corte dos moldes



O «atelier» das costureiras

de visita ou de passeio. Essa modista é quasi sempre uma antiga mestra de um dos grandès ateliers da rue Royale, da rue de la Paix, ou das cercanias da Opera, habilitada com o curso de uma d'essas Universidades da Moda, que se chamam Paquin, Laferrière ou Drecoll



O ajustar dos moldes

Madame Declerck compondo no manequim a «draperie» de um vestido





A escolha das guarnições

E é com estofos francezes, com rendas francezas, com guarnições francezas, sobre fiurinos francezes, que se compõe o vestido da elegante. A arte de crear uma *toilette* é eminentemente imaginativa. Requer esse instincto apurado do gosto, essa sciencia subtil do decorativo, que se não aprende, e que parece fazer parte da natureza d'essa mulher excepcionalmente dotada para exprimir a graça e para servir a belleza, que é a parisiense.



A distribuição da tarefa às costureiras

Composta a *toilette*, desde o estylo ás decorações, a parte intellectual da tarefa está terminada. A costureira intervem na obra como uma pequena machina docil e laboriosa, encarregada de a executar com perfeição e fidelidade, e os seus pobres dedos, picados pela agulha, que tantas vezes gottejam a sua pinta de sangue humilde nas bainhas de seda e de velludo, se são os que mais trabalham, são tambem os que menos participam na gloria ephemera d'essas obras d'arte destinadas a revestir e a valorisar a beleza.

Quanto ambicioso devaneio não terá a cabecinha da *midinette* e da costureira sonhado sobre as sedas, as gazes e as rendas de um vestido de mulher rica, de cujos triumphos mundanos ella é a collaboradora modesta, obscura e anonyma! Esse sonho da costureira, ao menos uma vez que selsaiba, foi realisado por uma millionaria compadecida. Contase que Clotilde Vanderbilt, tendo mandado fazer a um dos grandes costureiros de Paris dois vestidos para theatro, os recebeu á hora em que se vestia.

Mandou entrar a costureira, que acompanhava as caixas onde vinham os thesouros, e pediu-lhe que a ajudasse a experimentar as *toilettes*.

De joelhos, depois que a vestira, a costureira contemplava a extasiada, e Clotilde Vanderbilt viu que de repente duas grossas lagrimas tremiam nas palpebras da *midinette*. Então, n'um rasgo de americana, fe'la vestir a outra *toilette*.

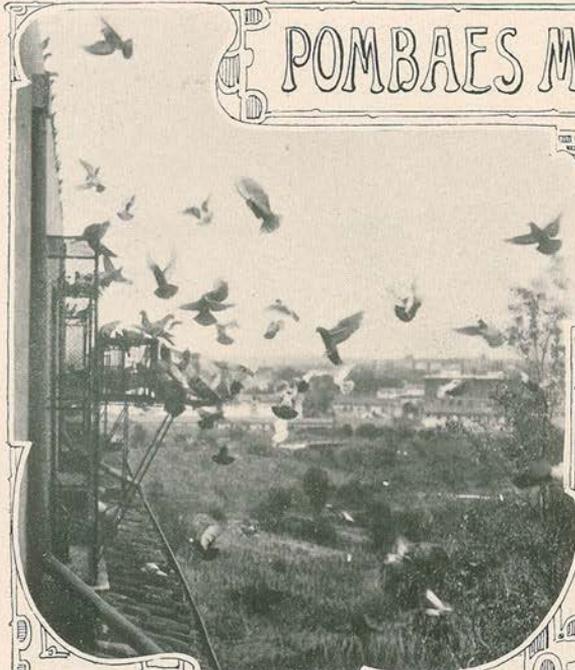
ardenou-a com as suas joias e levou-a comsigo para o seu camarote da Opera.

Como a bondade ás vezes pode ser cruel! Essas duas lagrimas que a millionaria quiz seccar, em que pranto amargo se não teriam convertido quando, na sua mansarda, ao outro dia, a pobre *Midinette* acordou!



O acabamento do vestido de uma elegante, no mansuim
 2—A collaboradora anonyma do vestido
 (Photographies de Benoitel
 obtidas nos «ateliers» do «Paris
 em Lisboa»

POMBAES MILITARES



O pombo, o lindo animal da paz, que foi no dia do dilúvio buscar á terra que se desafogava, o ramo d'oliveira, tem na guerra o mais util dos empregos, ainda por uma maldade humana

Interrompidas todas as comunicações, cortados os fios telegraphicos, sendo impossivel usar os signaes do helios opio, o pombo correio com o seu avanço d'algumas dezenas de leguas á hora liga entre si dois exercitos, dá noticias que d'outra forma seria impossivel d'obter.

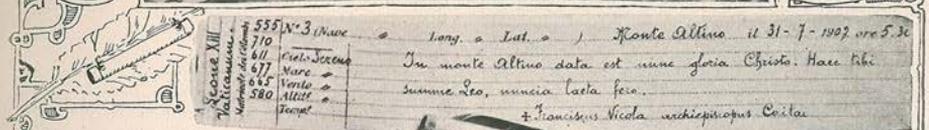
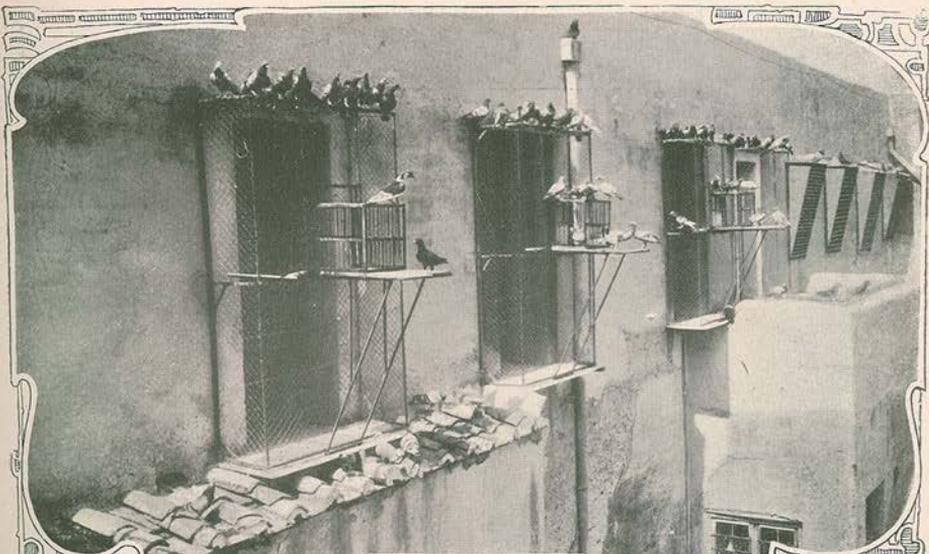
N'alguns paizes os soldados das avançadas levam sobre as mochilas o casal de pombos n'uma gaiola; escrevem-se os despachos que se lhes ligam a uma das penas dentro d'um pequeno tubo e soltam-se por esses ares.

Dentro em pouco nos pombaes milita-

A volta dos pombos



Os pombos militares sahindo do pombal



Um aspecto do pombal

res, onde vão dar, sabem-se as notícias que esses bellos animaes, symbolos da pureza, vão levar e que ás vezes geram verdadeiras hecatombes como succedeu na guerra da França com a Prussia em 1870, na qua' os pombos correios foram por vezes com os despachos que conduziam os caudadores de grandes carnificinas.

Um telegramma celebre expedido a Leão XIII



A partida dos despachos

FIGURAS · E · FACTOS



1—Vieira Eugenio
 2—Gaspar Ferreira,
 o auctor das photographias
 artisticas
 que a «Illustração
 Portugueza»
 publica no presente
 numero

3—A primeira bandeira
 da Republica Portugueza
 hasteada em S. Paulo,
 na «Loja do Japão»,
 dos srs. Garcia Nogueira
 & C.



GASPAR FERREIRA.—E' o auctor das magnificas photographias que enchem algumas das paginas da *Illustração Portugueza* e que representam além d'um soberbo trabalho technico, uma grande disposição artistica. Soberba é a escolha dos assumptos, deliciosos são esses póres do sol, que este photographo se compraz em reproduzir, com o mesmo carinho que um pintor dedicaria a um dos seus quadros.



EUGENIO VIEIRA.—O auctor dos *Cantos Vagabundos* é um artista de raça que tem passado a vida mettido no seu sonho de perfeição procurando anciosamente a côr, o rythmo, a belleza, tendo conseguido impôr estas qualidades nos seus versos agora publicados e alguns dos quaes são unguidos d'uma philosophia dolorosa.

Depois do seu volume intitulado *Avatares do Diabo*, o poeta tem progredido immenso, sendo de esperar um verdadeiro triumpho hara o seu novo trabalho no prelo *Odes Vermelhas*, canções revolucionarias

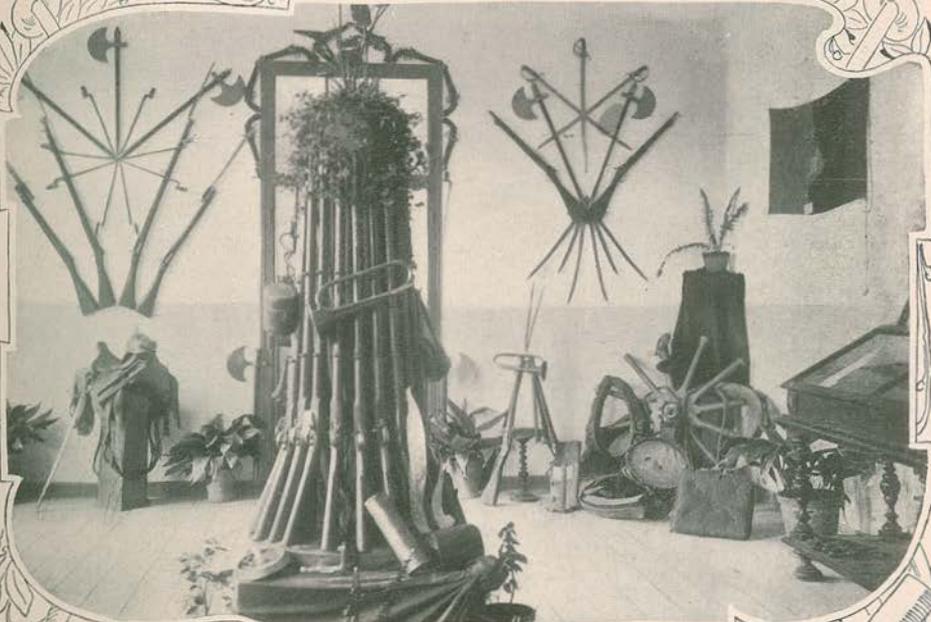


4 -As tunas Commercial, Academica e Joaquin Antonio de Aguiar, de Evora, que por iniciativa da direcção da Tuna Commercial se juntaram na solemnidade da bandeira, no dia 1 de Dezembro

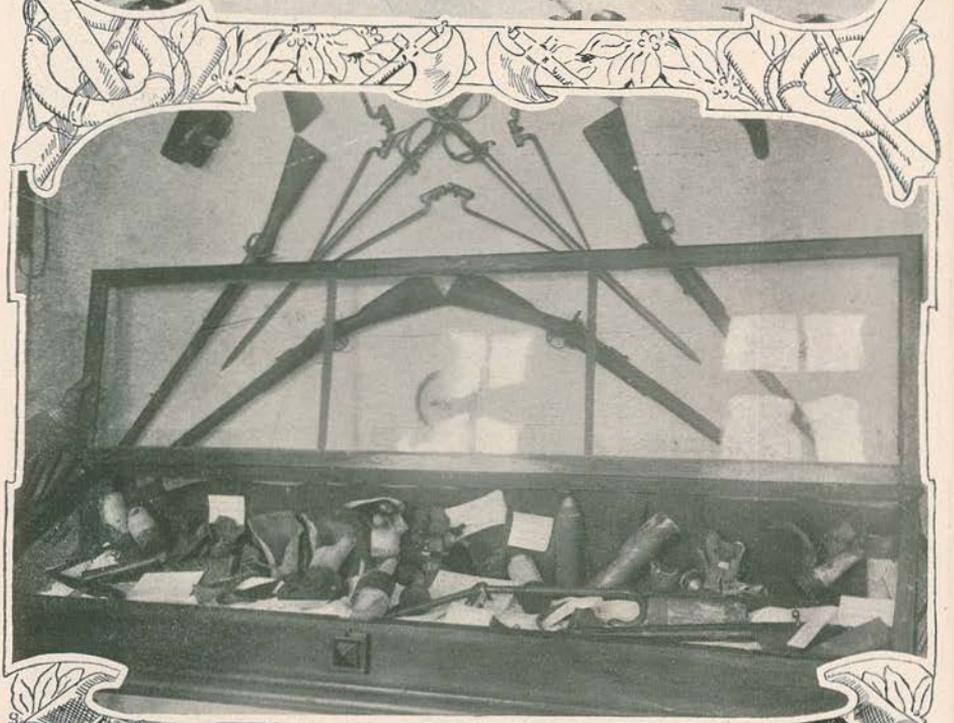
O MUSEU DA REVOLUÇÃO

N'uma dependencia do antigo convento do Quelhas, inaugurou-se em 29 de dezembro, tendo assistido o ministerio, com excepção dos srs. presidente do governo e ministro do interior, o museu da revolução, onde se reuniram todos os objectos que recordam os dias de combate e varios dos preparativos usados para a revolta.

E' assim que ali apparecem com os balandraus das sociedades secretas, as bombas apprehendidas pela policia no tempo da monarchia; a escada de que o rei se serviu para sair da cêrca das Necessidades e o busto trazido de casa do sr. José Luciano de Castro, quando o povo a assaltou, algumas das espingardas empregadas na revolução, assim como machados, pistolas, bandeiras, reliquias e tropheus, que enchem as salas de-



1—Um trecho do Museu onde se veem bandeiras portuguezas que serviram nas cerimoniaes republicanas com as corças e os escudos voltados e alguns balandraus das sociedades secretas 2—Um aspecto da sala do exercito



1—Um trecho da sala da marinha
2—Na sala do exercito: algumas granadas da artilharia revolucionaria



A sala do regicídio no Museu da Revolução

nominadas do exercito, da marinha e do povo.

Tambem no edificio existe uma sala dedicada ao regicidio e na qual com o capote e a carabina de Manuel Buiça, se expõe o revólver de que se serviu Alfredo da Costa para atirar sobre o rei D. Carlos.

A exposição abriu para o publico no dia 1 de janeiro, sendo enorme a multidão que ali concorreu a analysar todos esses objectos, que recordam a marcha dos acontecimentos politicos desde 2 de fevereiro de 1908, em que se deu o regicidio, até 5 de outubro de 1910, em que foi proclamada a Republica, após a revolução commemorada nas salas do novo museu.



1—O busto do ex-conselheiro José Luciano de Castro, que foi levado da casa dos Navegantes para a Rotunda pelos revolucionarios

2—As balabardas dos archivos do paço das Necessidades tomadas pelo povo no dia 4



3—Uma das poltronas do paço das Necessidades atingida pelo bombardeamento
4—Granadas que foram disparadas pela artilharia revolucionaria (Clêthes de Benoliel)

COMO NOS DEVEMOS ALIMENTAR

II

A COZINHA RACIONAL.—O SEGREDO DA ECONOMIA E DA SAUDE.—A FELICIDADE DO LAR.—A COZINHA CONSIDERADA COMO UMA SCIENCIA.—A ALIMENTAÇÃO NA HYGIENE DA MULHER.—INFLUENCIA DO ALIMENTO NA BELLEZA

A causa da maior parte das doenças e infelicidades da vida tem que procurar-se na cozinha! Póde parecer prosaico. Não nos dará trabalho a provar que é verdadeiro; e a verdade vale mais do que a poesia. Come-se para viver. Mas não só muitos parecem viver para comer, como quasi todos é quasi só para comer que trabalham. O trabalho do homem é na sua quasi totalidade consumido na nutrição. Não será difficil demonstrar que parte d'essa despesa representa um desperdicio e que a maioria dos trabalhadores gasta com o alimento, sem proveito e antes com prejuizo da saude, mais do dobro do que devia racionalmente dispendir. No dia em que o homem aprenda a alimentar-se, a vida será mais facil, os pobres menos numerosos, a saude humana mais robusta. O problema nutritivo é ao mesmo tempo um formidavel problema economico, de consequencias inca'culaveis. A sobriedade deu ao Japão a victoria sobre a Russia e é ainda ella que torna possiveis as despesas colossaes da civilisação japoneza e a propagação ameaçadora das suas industrias, que começam invadindo os mercados europeus. Em toda a parte onde apparece o sobrio japonês, o europeu é fatalmente vencido na lucta da producção e do salario. Porque não aproveitamos a sua eloquente lição? Porque não nos apropriamos dos seus habitos salutareos de frugalidade? Os pobres teriam menos afflicções. Os ricos menos cuidados. E todos, menos doenças.

Falemos primeiro dos ricos. Vejamos como elles utilizam as suas riquezas em beneficio da existencia. Nas casas ricas, a alimentação,



base-essencial da vida e do bem estar, acha-se confiada á ignorancia dos creados. Quando ha uma doença, chama-se o melhor medico. Não se regateia o honorario do clinico. Manda-se aviar os remedios á pharmacia de mais confiança. Entretanto, curada a doença, não se cuida de reformar e corrigir a sua causa alimentar. Continua-se a ingerir alimentos

indigestos, em quantidades desproporcionadas com as necessidades do organismo, a envenenar o sangue, a fatigar as visceras, a inutilisar os intestinos, o fígado e os rins, a cariar os dentes, a reduzir gradualmente a vitalidade, a impedir o desenvolvimento dos ossos e dos musculos. Para esses, a abundancia só lhes serve para lhes apressar a morte. Vivem depressa os que comem muito. A sobriedade é o segredo da longevidade. Dize-me o que comes e dir-te-hei os annos que vives.

A mais ligeira inspecção medica nos collegios revela que todas as creanças de hoje accusam, mais ou menos, algum defeito de constituição ou de fun cionamento, e que a deterioração da raça humana prosegue com rapidez vertiginosa. Essas creanças são as victimas de erros alimentares herdados e de erros alimentares mantidos.

Se passamos dos ricos para a classe media e para os pobres, onde a dona da casa ella propria é quem dirige, fiscalisa ou prepara a comida, não vemos que d'essa interferencia se colham resultados melhores. Educada n'uma rotina nociva, nunca tendo tido outro criterio para ajuizar da comida senão o paladar, o que essa dona de casa prepara ou manda preparar para o seu marido e para os seus filhos não são alimentos restauradores de forças. São alimentos preparadores de doenças. E' preciso, é urgente rehabilitar a arte domestica da cozinha e reformal'a. Não faltam manuaes de cozinha. Mas n'essa litteratura culinaria o que mais se ensina é a confecção de pratos que agradam á vista. E esses



Os comilões (quadro de Teniers)

raras vezes são os que agradam, á saude. Quando se lembrará um escriptor de descrever a batalha terrivel de um estomago exausto contra uma massa que se deteriora e fermenta e contra cujos verenos elle já não tem forças para lutar proficuamente?

Em vez de ensinar ás raparigas a arte prejudicial de fazer doces e bôlos, porque não ensinal'a como coser as batatas e o arroz, as hortaliças e a carne, e como fazer o pão?

E' essencial que cada mulher tenha conhecimento do valor chimico dos alimentos e da sua acção no organismo — o que lhe evitará muita despeza e muito trabalho. Um prato ou dois scientificamente combinados fornecem a substencia frugal mas saudavel de uma familia. As horas consumidas no cuido d'esse altar, que é a cozinha, merece ser mais bem aprove tado. Nas casas portuguezas, remediadas e ricas, o fogão está acceso quasi todo o dia. Para quê?

O tempo mais bem passado para a mulher é no adorno, no arranjo, no em-

bellezamento do seu lar. Infelizmente, a maior parte d'ellas parece ignoral-o. Vivendo racionalmente, para não dizer scientificamente, a mulher moderna em contraria em casa uma esphera de acção digna da sua intelligencia. O trabalho da cosinha seria tão elevado como um trabalho de laboratorio, e a sciencia de cosinhar constituiria uma authentica profissao.

Os homens são incomparavelmente mais progressivos do que as mulheres em se emanciparem dos labores monotonos ou fatigantes. Se cosinhar, varrer, lavar a louca fôsem trabalhos que lhes pertencessem, o processo de os executar já de ha muito teria s'ido simplificado, enquanto que a mulher só agrava e exaggera o seu trabalho, tornando-se voluntariamente uma escrava. Ella gasta seis ou sete horas por dia a imaginar e a preparar o jantar, para satisfazer o appetite pervertido da sua familia e d'algunha visita annunciada.

A anxiedade e a tensão mental que ella desperdiça diariamente n'estas apprehensões e n'estes cuidados triviaes são prodigiosas, e deixam o seu vestigio indelevel, preparando-lhe a velhice precoce. E' terrivelmente prejudicial á mulher o passar parte do seu dia na cosinha, respirando um ar viciado, a vigiar a confecção de guisados, e d'este modo impossivel poder dar ao seu genito as faculdades physicas de belleza e de vigor que lhe pertencem de nascença e que são o sonho de todas as mães. Impossivel é tambem para uma mulher alimentar saudavelmente o seu corpo, conservar a sua frescura, zelar a sua belleza, prolongar a sua mocidade, nutriendo-se de pão fermentado, das innumeraveis comidas cujo valor alimentar foi destruido nas longas horas de fogão, e de fructas fermentadas (vinho).

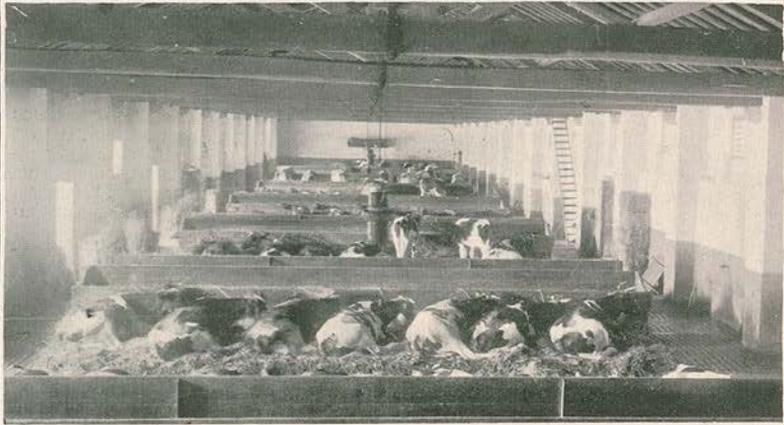
Estou convencida—convencida pela experiencia, que é a grande, infallivel escola de onde nos veem todos os verdadeiros conhecimentos,—que o mais importante factor da perfeição da mulher é o seu alimento, consiste na escolha da alimentação de que o organismo humano é constituído, com a incessante inundaçao de commoções que ininterruptamente vasam e enchem o seu complicado machinismo. Se o homem não arrisca senão a sua saude com o uso de uma nutrição nociva, a mulher compromette a belleza do seu corpo, e o primeiro dever da mulher é guardar intacta a sua virtude moral n'um involucreo de seductor encanto physico. A mulher que se desleixa prejudica os seus filhos, o seu marido e a si propria. Não são os cuidados do toucador que perservam a belleza, mas principalmente os cuidados da alimentação. Por isso diremos á mulher que a hygiene da sua *toilette* não deve limitar-se á sua pelle, mas deve abrançar todo o organismo. O melhor carmin é o da saude. As boas digestões rejuvenescem. E vamos conversar com ella sobre esse assumpto prosaico que são os alimentos. Começemos por



Sendo o leite a alimentação essencial da infancia e entrando na maior parte das combinações alimentares dos adultos—estas são razões para que principie-mos por elle.

Rico em substancia azotada, regula em 55 por 1.000 a partic'pação da caseina ou materia a bumino de na sua composição, sendo igualmente rico em gorduras e saes. Apenas a quantidade dos hydrocarbonados pecca pela sua fraqueza relativa. Mas n'elle se encontram, além da materia proteica utilizada na construcção dos tecidos, os restantes elementos essenciaes á vida. E' por isso considerado um alimento completo.

Como deve ser tomado o leite? As opiniões dividem-se. Eu pertenco ao partido dos que condemnam a fervura do leite. Sei que isto é fundamentalmente contrario á opinião geral. Não importa. Entendo que devemos limitar-nos a aquecer o leite em banho Maria, á temperatura maxima de 60°. Ferver o leite é recomendado por numerosos especia'listas em dietet'ca como o meio effcaz de destruir as bacterias e sobretudo os germens pathogenicos. Mas em opposição a esse argumento não falta quem pondere que todos os cinco fluidos digestivos são fortes germicidas. As bacterias do leite não pódem sobreviver em contacto com o succo gastrico, saturado de acidez, e ainda sob a influencia da saliva, da bilis e dos succos pancreatico e enterico.



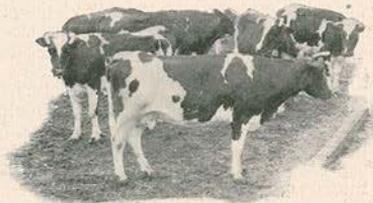
1—O estabulo da quinta da Cardiga. 2—Vaccas na Cardiga (Glicé's Benoliel)

O leite precisa, porém, de ser ingerido com inteligência. Devemos aprender a usar d'elle com a criança e o vitello, que o engolem em pequenas quantidades, mastigando-o, fazendo na bocca a sua primeira digestão. Criancinhas alimentadas apenas com leite fervido ou esterilizado são com frequência atacadas de eczema

Na esterilisação, o leite é submettido a uma temperatura de 100° a 104°, sob pressão de vapor de agua, e reconhecemos os proprios apologistas da esterilisação que acima d'estas temperaturas a caseína se altera e a digestibilidade do leite se compromette. A verdade é que o gosto do leite, tanto depois de fervido como depois de esterilizado, se transforma, o seu aspecto se modifica, o seu valor nutritivo diminui. A coagulação das moleculas proteicas, que se realiza durante a fervura, separa-lhes a parte inorganica, restituindo-lh'as sob a forma de ferro e fluor inabsorviveis e de phosphatos inassimilaveis. E se pensarmos que esses são elementos imprescindiveis na alimentação da infancia, comprehendemos que tanto com a fervura como com a esterilisação, lesamos a criança, prejudicando-a no seu desenvolvimento. Os que não poderem emancipar-se d'esse preconceito recorram então ás farinhas lacteas. O leite pasteurizado é um leite aquecido a 60°. A pasteurisação não prejudica senão imperceptivelmente o valor nutritivo do leite, evitando as fermentações e facilitando a sua conservação.

Não deve o adulto substituir pelo leite, salvo os casos de prescripção medica, de caracter transitorio, uma parte importante da sua nutrição. Em todos os casos o leite é preciso que se tome muito devagar: processo de obstar á sua acidulação no estomago. Depois de uma refeição, beber um ou dois copos de leite, é o mesmo que ingerir uma nova refeição. Os tuberculosos prejudicam os orgãos digestivos pelo abuso immoderado do leite. Usado com propriedade, o leite é uma boa alimentação para um organismo deplectivo, mas o seu valor tónico é nenhum. Serve á reparação das celulas, não para crear celulas novas

Todos os que não o assimilam devem regeital-o. A actual tendencia para abusar do leite fer sendo o elixir da te, devendo limi que a sua adopção imposta pelo me le te como em to alimentos, tudo o ficar-lhe a estructu tel-o. Os alimentos puros.



mentado, como vida, é imprudentar-se aos casos em é declaradamente dico. Demais, no dos os restantes que tenda a modira natural é perverquerem-se saos e Selda Potocka.

A FESTA DO VINTEM PREVENTIVO



- 1—O almoço ao governo, vendose diante da mesa os srs. ministros da guerra, dos estrangeiros, justiça e da marinha
- 2— A entrada no Quellas: os srs. ministros da Justica, dos estrangeiros e governador civil
- 3— O almoço ás crianças, que foi offerecido pelo Vintem Preventivo



Aspectos da assistência: o ministério

(Clichés de Benoliel)

AS NOSSAS ACTRIZES

Cremilda de Oliveira

A operetta começou por ser um acto de lyrismo e chegou ao seu apogeu, escripta por Offenbach, ao deixar de soluçar romanticas endeixas ao tornar-se na mais garota, irreverente e furiosa das satyras. A *Grã-Duquesa de Gerolsteiu*, cuja musica parece piparotear os velhos poderes constituídos, foi como um soberbo pamph'leto atirado ao publico por lindas mulheres decotadas que demoliam com a sua desenvoltura e com a sua graça o exercito, a realeza, a diplomacia.

Paris, ao declinar do segundo imperio, escutou-a com um pasmo que o riso mal deixava vêr e depois do successo do genial compositor sentiu chegar uma epocha para o theatro ligeiro ao surgirem Lecocq com a sua bulhçosa *Filha de Madame Angot*, Audran, com a sua tão bizarra *Mascotte*, Planquette, com a curiosa composição dos *Sinos de Corneville*, e por fim Messenger, Taulmouche, Serpette.

Dentro em pouco a Allemanha dos pesados burgraves, onde mal se imaginava que a operetta podesse florescer, implantava-a com Suppé, o auctor do *Boccacio* e a Austria sahia das suas abstrações para atirar á nomeada Strauss que jámais esquece-rá. Ao cabo



de quarenta annos é ainda esta nação que guarda o maestro a quem pertence o sceptro da operetta moderna, o renovador d'esse genero de theatro tão agradável, tão leve, que delicia e faz sorrir, não obriga a pensar e é, por vezes como nas satyras offenbachianas, alguma cousa de bem audacioso.

Franz, Lear, é o maestro austriaco, que hoje domina na operetta; o seu nome deu a volta ao mundo levado nos trinados da sua *Viuva Alegre* que interpretada em todos os paizes da Europa e da America tem gerado reputações de actrizes, umas duradouras como a da Mizzi Gunther que a creou, outras ephemerhas, glorias de alguns mezes, esmaecidas mal a peça sahe do cartaz.

Em Portugal n'uma epocha, ao mesmo tempo, nas mesmas noites, quatro actrizes cantaram a obra prima de Franz Lear. A Toschi em S. Carlos dava-lhe todo o encanto do seu methodo, toda a vibração da sua esplendida voz, Dora Theor, mais modesta, interpretava-a com certa arte no Colyseu, Etelvina Serra na Trindade emprestava-lhe o mimo da sua gentil figurinha e Cremilda de Oliveira, cheia de intuição e de vontade impunha-a no palco da Avenida.

Dentro em pouco era esta actriz a que interpretava em Portugal todo o repertorio moderno da operetta allemã e austriaca, apparecendo primeiro n'um rumor de surpresa, mas affirmando-se desde logo ousadamente, a apossar-se do publico, a querer marcar todo o seu grande desejo de triumphar no genero, o que conseguia.

Desde os nove annos que andava nos palcos escutando attentamente lições e conselhos; de quando em quando o seu nome apparecia nos cartazes interpretando algumas figuras de revista e de magica onde era necessario um fiosito de voz um pouco educada; depois regressava



Et—O estudo de um papel
2—Masculina”.



Uma scena de ctume

d'esse repertorio de lindas peças vindas de Berlim e Vienna cheias d'um ar ingenuo e em que ha como o sussurro de beijos e o tilintar de muito ouro. São trabalhos em que é necessario aliar á exteriorisação discreta dos protagonistas, a galanteria, a nota d'arte, para as quaes se carece de voz educada, de intuição, de garridice, são personagens de meios superiores e que creados por Mizzi Gunthen parecem ter guardado todo o encanto da actriz que Vienna acclama todos os dias e cuja formosa physionomia se tornou popularissima na capital austriaca.

Por toda a parte as operettas de Franz Lehar tem dado noites de celebridade a varios artistas; em Portugal Cremilda de Oliveira conseguiu ser a melhor interprete das peças tanto em voga, a actriz que sabe achar com a fórma natural a maneira artistica de cantar essas lindas operettas que fazem sorrir com as suas scenas gracios e delicias com a sua musica encantadora, ficando durante muito tempo no nosso espirito como delicadas recordações



Cremilda d'Oliveira ao natural...

á sua obscuridade. Um dia revelou-se estrondosamente no Carlos Alberto do Porto. Apesar de tudo afastou-se do theatro por tres annos para um dia partir em *tournee* para o Brazil d'onde chegavam as noticias dos seus successos que se ouviam com sorrisos incredulos, imputando-os á conta de reclamo de emprezario e de exaggeros jornalisticos.

N'aquelle periodo em que a Toschi cantava a *Viuva Alegre* em S. Carlos e a Dora Theor no Colyseu ia-se ao Avenida ouvir Cremilda de Oliveira n'esse espirito de comparação que existe no fundo de todo o frequentador de theatro; e notava-se que havendo bem marcadas, d'umas para as outras differenças de methodo e de aperfeicoamento, a actriz portugueza encontrava lindamente a nota da personagem Foi o seu successo. Os incredulos ainda sorriam; esperavam vê-la fracassar nas peças seguintes mas obtendo egual exito no *Sonho de Valsa*, na *Prinzeza dos Dollards*, no *Conde de Luxemburgo*, no *Amor de Principes* conquistou de vez o seu publico, consagrou-se a interprete portugueza